

# Paraíso em forma de fiorde na mira dos ricos

Saco de Mamanguá, único golfo estreito e profundo do país, sofre com mansões sem licença e projeto de píer

Tulio Brandão

• Seu Licínio Espindola, de 68 anos, só come feijão cozido na lenha pela mulher Odeete, esculpe canoas na mão e leva crianças de baleeira para a escola. Sorriso farto, ele dispensa as facilidades da civilização. Prefere viver com a família no Saco de Mamanguá, um paraíso em forma de fiorde no Sul do Estado do Rio. São oito quilômetros de um golfo azul, cercado de verde e de pequenos picos, com um manguezal que o torna o mais importante criadouro de vida marinha da Baía da Ilha Grande. O santuário que o caçara (nativo praiano) aprendeu a preservar com as 120 famílias nativas, no entanto, está ameaçado pelos olhos aguçados dos empreendedores. Há mansões sendo construídas em áreas não edificáveis e o projeto de uma base náutica para 20 iates, que funcionaria dentro do Saco.

A região é protegida por unidades de conservação ambiental municipal, estadual e federal. Faz parte da APA de Paraty, da Reserva Ecológica da Juatinga, criada pelo Instituto Estadual de Florestas, e da APA do Cairuçu, administrada pelo Ibama. Para dificultar ainda mais os empreendedores, não há acesso pela estrada para o Saco. Mas as restrições legais e geográficas não têm sido empecilho para os novos empreendimentos.

## Empresários compraram praia para fazer base náutica

O biólogo Paulo Nogara, especialista na região, lamenta que as singularidades do Saco estejam sendo ameaçadas:

— Trata-se de um berçário marinho raro e da única formação geográfica de fiorde no Brasil. É o que chamamos de fiorde tropical. Nesse ambiente sensível, um grupo de empresários decidiu instalar uma base de apoio náutico. Compraram o terreno da Praia do Ubá, dentro do Saco. A polêmica chamou a atenção dos investidores, que começaram a construir mansões em áreas proibidas — diz Paulo.

Tudo começou quando veranistas do Condomínio de Laranjeiras criaram a empresa Água Mansa Patrimonial para montar uma base de apoio náutico de iates dentro do Saco de Mamanguá. A justificativa para o empreendimento era coerente: para chegar à Baía da Ilha Grande, eles têm de enfrentar a tormentosa Ponta Negra, que em dias de mar agitado oferece risco às embarcações. Buscaram, então, as águas calmas relativamente próximas ao condomínio. Compraram o terreno da Praia do Ubá, dentro do Saco. Tudo seguia bem, até que o Ministério Público estadual obteve liminar na Justiça para impedir a construção do cais e suspender o processo de legalização da obra na prefeitura de Paraty.

O advogado Ulysses de Paula Júnior, um dos sócios da Água Mansa, defende o projeto dizendo que o empreendimento não vai provocar danos:

— O projeto é de uma base de apoio náutico flutuante para no máximo 20 barcos. Já tí-



Fotos de Custódio Coimbra

A ENTRADA DO SACO de Mamanguá, vista de cima: só é possível chegar ao berçário marinho de barco ou por trilha, saindo de Paraty Mirim



ODETE, mulher de Licínio, prefere cozinhar o feijão no fogão a lenha



NA PESCA DE BATIDA, os caçaras cercam o cardume até a rede

Editoria de Arte

## Conheça o Saco de Mamanguá

**FIORDE TROPICAL**

O Saco do Mamanguá é o único acidente geográfico do Brasil com características de um fiorde e, por isso, é chamado de fiorde tropical. O processo de formação, no entanto, não é o mesmo dos fiordes tradicionais. Enquanto nas regiões glaciais é o gelo que escava a costa e provoca a formação de golfos estreitos e profundos, no Saco de Mamanguá a costa foi "afogada" pelo mar.

**CRIADOURO MARINHO**

Em tupi-guarani, Mamanguá quer dizer "área onde são realizados banquetes". Tribos indígenas reuniam-se no local para desfrutar do pescado disponível na região. Ainda hoje, encontra-se ali com facilidade camarões brancos, robalos, paratis, crustáceos e ostras, entre outros. Dentro do Saco, um manguezal transforma o local no mais bem conservado criadouro da Baía da Ilha Grande.

**COMO CHEGAR** Só é possível chegar ao Saco de Mamanguá de barco, saindo de Paraty, ou caminhando por uma trilha de duas horas, que começa em Paraty Mirim. Há linhas de ônibus de Paraty para Paraty Mirim. Não há hotéis e pousadas no local, mas nativos e veranistas alugam casas para temporada.

nhamos autorização da Marinha, da prefeitura de Paraty e do Ibama de Angra, mas agora estamos de braços cruzados. Só seguiremos as obras com a autorização de todos os órgãos públicos.

Um estudo da USP coordenado pela professora Yara Schaeffer-Novelli sustenta que o aumento do tráfego marítimo na região pode provocar a erosão das margens, prejuízos

ao manguezal e o aumento da turbidez da água. Com isso, a pesca, fonte de sobrevivência local, estaria ameaçada.

No meio de tantas questões técnicas e legais, estão os caçaras. Segundo a Associação de Moradores e Amigos do Mamanguá (Amam), 80% dos nativos são contra o empreendimento. Quem é favorável, segundo o presidente da entidade, Alecir de Jesus Nunes,

acredita nas promessas de emprego dos veranistas:

— Na verdade, uma base náutica geraria empregos para meia dúzia e comprometeria o principal meio de subsistência deles, a pesca artesanal.

Nilton dos Santos, contrário ao deque, estava satisfeito com os quilos de siri pescados na manhã de quinta-feira retrasada, quando uma equipe do GLOBO visitou o Saco. Ao

lado de sua canoa, disse:

— O óleo dos grandes iates ainda não estragou o pescado. Como estou ficando velho, essas novidades por aqui não me atrapalham, mas o que será dos dez filhos sem a pesca?

A dúvida do caçara aumenta à medida em que surgem novas mansões em construção às margens do saco, numa zona protegida pela Reserva da Juatinga. O decreto de criação da

unidade, publicado em 1992, diz que a área não é edificável. Há, segundo a Amam, seis casas sendo construídas e duas praias já compradas para empreendimentos imobiliários na margem direita de quem olha para o mar, justamente o trecho da Reserva da Juatinga.

O desrespeito leva Ney Pinto França, chefe da APA do Cairuçu, do Ibama, a tentar frear a invasão dos veranistas com seus instrumentos:

— Na APA não há impedimento de construções, desde que sejam licenciadas. Mas abusam. Há um terreno de dois mil metros quadrados de obra que parece um clube, entre outras mansões. Embargamos a obra e multamos o proprietário, mas nada parou. As coisas podem melhorar se conseguirmos aprovar a criação de uma reserva extrativista para populações tradicionais na área. Aí, grandes barcos não passarão pelo Saco.

## Prefeito defende tanto pier flutuante quanto mansões

Nem todos, no entanto, acreditam que a saída para o Saco de Mamanguá seja preservá-lo da interferência da civilização. O prefeito de Paraty, José Cláudio Araújo, fala em desenvolvimento sustentável ao defender tanto a construção do píer flutuante quanto as mansões na área proibida:

— Não há impacto ambiental num píer flutuante. Passar com lancha ali não tem problema. A outra questão: se você compra uma propriedade e quer fazer uma casa, não pode. Mas se alguém invadir e construir barracos, ninguém contesta. Se ninguém pode fazer nada no Saco, a saída seria retirar todo mundo de lá com indenização. Mas estamos fazendo um plano de manejo para regularizar aquela região. Tentaremos um convênio com o estado e a união.

A idéia da "sustentabilidade" segue forte com o secretário estadual de Meio Ambiente, Luiz Paulo Conde. Ele diz que pretende estimular a reformulação das unidades de conservação ambiental para permitir que casas sejam construídas apenas "com grandes espaçamentos e altura máxima limitada":

— Algumas casas podem se integrar ao meio ambiente, desde que estejam legais. Chamei as ONGs e os melhores técnicos para traçar limites para aquela região. Quanto aos iates, vamos pensar em maneiras de impedi-los de entrar lá dentro. Para mim, só a remo ou a vela!

Enquanto nada se resolve, o velho Licínio tenta preservar o que resta da cultura caçara local ensinando o caçula Waldemir — ainda garoto mas pescador de mão cheia — os velhos versos de canoa, na esperança de vê-los a salvo da invasão dos veranistas: "Quando você chegar aqui, na ponta do meu terreiro, para cantar e versar, peça licença primeiro." ■

## NO GLOBO ON LINE:

Veja mais fotos do paraíso ameaçado  
www.oglobo.com.br/rio